

Brasília-DF

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

A ampuheta virou

Em política, os anos ímpares são aqueles momentos de se preparar a disputa eleitoral do ano seguinte. No caso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a ideia da reforma ministerial será tentar amarrar o primeiro escalão do governo a uma candidatura pela reeleição no ano que vem.

Ainda é cedo

Por mais que Lula queira fechar logo um leque de apoios para a próxima eleição, ninguém vai se mover agora. O presidente da República terá que mexer no seu ministério sem saber com quem poderá contar, de fato, em 2026.

O primeiro desafio de Galípolo

Após 10 de janeiro, quando sai a inflação oficial de 2024, medida pelo IBGE, o novo presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, terá que escrever a carta para explicar as razões do descumprimento da meta de inflação com muito cuidado. É que se largar já criticando o ajuste fiscal insuficiente, ficará mal com quem o indicou para o cargo.

Olho neles

Pelo menos três prefeitos assumiram seus respectivos mandatos planejando voos mais altos para daqui a um ano e meio, quando quem for candidato deve deixar o cargo. Ricardo Nunes (MDB), em São Paulo; Eduardo Paes (PSD), no Rio de Janeiro; e João Campos (PSB), em Recife.

Assim ficará pior

A maior parte da bancada do Ceará entrou 2025 pintada para guerra contra o governo federal. É que nos escaninhos do Palácio do Planalto, enquanto as famílias se preparavam para a ceia da virada do ano, uma parcela dos recursos da saúde — liberada de última hora pelo ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal — foi destinada ao governo do estado (R\$ 40 milhões) e outra para a Prefeitura de Fortaleza (R\$ 15 milhões), assumida pelo PT. A bancada chiou e já fez chegar ao Planalto que não era isso que estava

nas atas das reuniões que definiram a destinação do dinheiro.



Com o recesso parlamentar e as dificuldades de mobilização nesses primeiros dias de janeiro, ninguém tomará nenhuma atitude drástica. Mas o mau humor contra o governo está instalado. A hora em que vierem as votações de interesse do Poder Executivo, será difícil contar com essa turma.



CURTIDAS

Ecumênico/ O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, começou seu quarto mandato na gestão da cidade maravilhosa com a presença de um bispo católico, um evangélico, um rabino e um balaborixá. Não será por falta de orações que Paes deixará de cumprir suas promessas e alavancar candidaturas futuras.

Enquanto isso, em São Paulo... / O prefeito Ricardo Nunes bem que pediu pacificação e fim da polarização em seu discurso de posse na capital paulista. Mas a largada dos vereadores empossados indica que vai ser difícil. A vereadora Zoe Martínez (PL) fez o juramento com vivas a Jair Bolsonaro, a São Paulo. Quando citou o ex-presidente foi vaiada.

... nada de paz/ As vaiaes geraram uma balbúrdia, com os bolsonaristas gritando “Lula ladrão” e os petistas “sem anistia”, referindo-se à turma enroscada no 8 de janeiro de 2023. São os velhos problemas de 2024 dando as caras logo na chegada de 2025.



Agência Senado/Diuliga/Pro

FHC 30 anos/ A Fundação Fernando Henrique Cardoso registrou os 30 anos da posse de Fernando Henrique e de seu vice, Marco Maciel (foto). Tempos em que a política era feita com respeito aos adversários, sem ataques às instituições, cadeiradas, brigas, ameaças de aniquilamento e por aí vai. Maciel tinha como lema “não vamos fulanizar” — ou seja, olhava o problema, não o personagem.

Por falar em fulanizar... / A coluna manifesta total solidariedade à jornalista Natuza Nery, ameaçada dentro de um supermercado por um policial, na capital paulista. Todos podem discordar de opiniões, mas dizer que pessoas que pensam como ela devem ser “aniquiladas”, é abuso.

PRESIDÊNCIA DO BRICS

Olho na expansão e em Trump

Gestão brasileira começa no momento de adesões ao bloco e sob a ameaça de retaliação do futuro ocupante da Casa Branca

O Brasil assumiu, desde ontem, a presidência rotativa do Brics em meio a expansão do bloco, que, este ano, contará com ao menos nove novos membros. Apesar de as agendas da gestão brasileira serem, sobretudo, a reforma da governança de organismos internacionais e desenvolvimento sustentável com inclusão social, o principal desafio está na convivência com o futuro governo de Donald Trump, cuja presidência promete confrontar o multilateralismo, além das ameaças de retaliação comercial contra pelo menos dois integrantes do bloco — China e Brasil.

Com o lema “Fortalecendo a Cooperação do Sul Global para uma Governança mais Inclusiva e Sustentável”, o governo brasileiro tem, entre os desafios, o de articular a participação dos novos membros. Está no radar, ainda, a continuação da construção do sistema de pagamento com moedas locais no comércio entre os países, em substituição ao dólar.

Neste ano, nove países ingressam no Brics: Cuba, Bolívia, Indonésia, Belarus, Cazaquistão, Malásia, Tailândia, Uganda e Uzbequistão foram confirmados pela Rússia — que ocupou a presidência do Brics em 2024 — como novos membros. A chegada do Brasil à presidência rotativa dificulta ainda mais a inclusão da Venezuela, como pretendia Moscou. No ano passado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vetou a entrada do país vizinho e, em reação, sofreu uma série de ataques verbais do ditador Nicolás Maduro.

Treze países foram convidados para participar do Brics. Espera-se, ainda, que Nigéria, Turquia, Argélia e Indonésia confirmem o convite. A assessoria do Ministério das Relações Exteriores (MRE), porém, não confirmou em qual categoria os nove países devem ingressar no grupo — se como parceiros ou como membros efetivos. Diferentemente dos membros efetivos, os

Ricardo Stuckert/PR



Lula e os dirigentes dos países fundadores do Brics. Brasil conduzirá debate sobre moeda substituta ao dólar

parceiros podem participar das reuniões e dos encontros, mas não têm poder de voto ou veto,

uma vez que as decisões do Brics são tomadas por consenso. Em 2024, o bloco já havia

recebido cinco novos membros efetivos, chegando a 10 países. Até então formado por Brasil, Rússia,

Índia, China e África do Sul, o Brics incluiu no ano passado Irã, Emirados Árabes Unidos, Egito, Etiópia e Arábia Saudita. A Arábia Saudita, apesar de não ter assinado a adesão ao grupo, tem participado de todos os encontros.

A iniciativa de substituir o dólar por moedas locais levou Trump a ameaçar as nações que abandonarem a moeda norte-americana por meio de aumento da taxa dos produtos desses países. Para o professor de direito internacional Paulo Borba Casella, do Grupo de Estudos sobre o Brics (Gebrics) da Universidade de São Paulo (USP), o presidente eleito dos Estados Unidos não tem condições de impor tarifas a todos os países do Brics sem prejudicar a economia do próprio país.

O bloco representa mais de 40% da população global e 37% do PIB mundial por poder de compra, superando o peso econômico do G7, que une os países mais industrializados do mundo.

IMPrensa

Polícia investiga ameaça de agente a jornalista

A Polícia Civil de São Paulo instaurou um inquérito para apurar a acusação de que um policial civil ameaçou a jornalista Natuza Nery, da Globo News, na noite de 30 de dezembro, em um supermercado da capital paulista. A corregedoria da instituição assumiu a investigação.

Conforme a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP), Natuza acionou a Polícia Militar por meio do 190 e tanto ela quanto o agente foram conduzidos até o 14º DP (Pinheiros), para o registro

da ocorrência. Segundo informações da coluna da jornalista Mônica Bergamo, da *Folha de S.Paulo*, o homem teria dito que Natuza e a empresa para a qual trabalha são “responsáveis pela situação do país” e que pessoas como ela “merecem ser aniquiladas”.

“A corregedoria da instituição, assim que cientificada dos fatos, deslocou-se até a delegacia e assumiu as investigações, realizando diligências no estabelecimento em busca de imagens do ocorrido e eventuais testemunhas”, afirma a SSP. Uma investigação no

âmbito administrativo também foi aberta contra o agente, podendo resultar no seu afastamento.

Levantamento realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) denuncia que até novembro do ano passado, foram registrados 71 casos de violência de gênero contra as jornalistas no Brasil. Ainda que este seja o menor índice desde o início do monitoramento, em 2021, a entidade salienta que as investidas continuam sendo graves e se dão por meio de discursos difamatórios e

campanhas de descredibilização, que impactam a atuação e a segurança das profissionais.

Pela pesquisa, 43,6% dos ataques envolveram discursos estigmatizantes e 16,1% partiram de figuras públicas ou autoridades. Mulheres representam 97% das vítimas e 88,7% dos ataques são contra repórteres e analistas — principalmente as que fazem coberturas políticas.

A Abraji define a classificação de violência de gênero contra jornalistas aquela que é “marcada por insultos e ofensas baseados

em sexualidade, orientação sexual, aparência e identidade de gênero”. “As mulheres avançaram na profissão, dentro das redações e conquistaram posições de destaque. Mas enfrentam ataques que buscam desacreditá-las e afastá-las dessas funções”, frisa Maiá Menezes, vice-diretora da Abraji.

A associação também identificou, na pesquisa de 2024, um aumento de denúncias relacionadas à violência virtual — o que inclui ataques por redes sociais e campanhas de difamação por meio de robôs.



As mulheres avançaram na profissão, dentro das redações e conquistaram posições de destaque. Mas enfrentam ataques que buscam desacreditá-las”

Maiá Menezes, vice-diretora da Abraji